ARA· ODOS...

ANNO XIII — 640 — Rio de Janeiro, 21 de Março de 1931 — PREÇO: 1$000

Concurso de contos do PARA TODOS...

O maior e o mais importante certamen organizado na America do Sul -- O conto brasileiro jámais teve maior incentivo no paiz

A literatura brasileira já não é mais uma "pagina em branco", na phrase de um irreverente autor francez de ha um trintennio.

Uma legião immensa de escriptores novos vive, embora ignorada, em todos os recantos do paiz. Se quizessemos, por curiosidade, reunir num só volume todos os escriptos que jazem sob a poeira das gavetas os trabalhos que a modestia ou a impossibilidade dos seus autores occultam no ineditismo, ergueriamos uma verdadeira torre de Babel de bôa literatura.

A literatura nacional existe. Vive e palpita onde ha um coração humano servido por uma penna agil. E o publico a quer. Deseja. Pede.

Necessario é, portanto, arrancal-a, desencafual-a dos escaninhos da penumbra e trazel-a para os olhos desse publico. Elle já se cansou de rir em francez e soffrer em hespanhol...

Vamos ver "o que é nosso!" Temos legitimos valores que escrevem perfeitamente quer sobre os costumes do Nordeste e do Brasil Central, quer sobre a vida dos pampas ou das praias, dos centros turbilhonantes do Rio e de São Paulo.

As revistas da nossa empresa, publicações nacionaes de maior tiragem e diffusão no territorio brasileiro, jámais têm deixado de amparar os passos da juventude literaria, animando-a para o futuro, recompensando-a.

Fazemos como Mahomet. Ella não tem coragem de vir até nós. Nós vamos ao encontro della.

GENEROS LITERARIOS

Afim de não confundir tres generos de literatura completamente diversos, resolveu "PARA TODOS..." distinguir os "contos sentimentaes ou amorosos" dos "tragicos ou policiaes" e "humoristicos", offerecendo aos vencedores de um genero os mesmos premios conferidos aos outros.

CONDIÇÕES

O presente concurso reger-se-á nas seguintes condições:

1ª — Poderão concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." quaesquer trabalhos literarios, ineditos e originaes do autor que os assigna.

2ª — Esses trabalhos poderão ser de qualquer estylo ou qualquer escola, como, ainda, escriptos em qualquer orthographia usada no paiz.

3ª — Serão julgados unicamente os trabalhos escriptos num só lado do papel e em letra legivel ou á machina.

4ª — O "conto" não deve ser confundido com a "novella". Assim, os trabalhos para este concurso não devem ultrapassar a 15 tiras, ou meias folhas de papel almaço, mais ou menos.

5ª — Exclusivamente escriptores brasileiros pódem concorrer ao "CONCURSO DE CONTOS DO "PARA TODOS..." e os enredos de preferencia terem scenarios nacionaes.

6ª — Serão excluidos e inutilizados todos e quaesquer trabalhos: a) que contenham em seu texto offensa á moral; b) citem nominalmente qualquer pessôa do nosso meio politico e social; c) sejam calcados em qualquer obra anterior ou já tenham sido publicados.

7ª — Todos os originaes deverão vir assignados com pseudonymos, acompanhados de outro *enveloppe* fechado contendo a identidade e o autographo do autor, tendo este segundo escripto por fóra o titulo do trabalho e o pseudonymo.

8ª — Os concurrentes para este concurso poderão enviar quantos trabalhos desejem, e de qualquer dos generos estipulados, sendo condição essencial de que os originaes venham em *enveloppes* separados com pseudonymos differentes.

9ª — Todos os originaes literarios concurrentes a este concurso, premiados ou não, serão de exclusiva propriedade dessa empresa, durante o prazo de dois annos, para a publicação em primeira mão em qualquer de suas revistas: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO", "LEITURA PARA TODOS", "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" ou outra qualquer publicação que apparecer sob sua responsabilidade.

10ª — Todo trabalho concurrente deverá vir com a indicação do genero do conto a que concorre.

PREMIOS

CONTOS SENTIMENTAES comprehendendo todo o assumpto amoroso, romantico, lyrico, religioso.	CONTOS TRAGICOS OU POLICIAES comprehendendo todo o enredo de acção, mysterio, tragedia e sensação.	CONTOS HUMORISTICOS comprehendendo todo o assumpto de genero comico e de bom humor.
1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000	1º collocado .... 500$000
2º " .... 300$000	2º " .... 300$000	2º " .... 300$000
3º " .... 250$000	3º " .... 250$000	3º " .... 250$000
4º " .... 150$000	4º " .... 150$000	4º " .... 150$000
5º " .... 100$000	5º " .... 100$000	5º " .... 100$000
6º " .... 50$000	6º " .... 50$000	6º " .... 50$000
7º " .... 50$000	7º " .... 50$000	7º " .... 50$000
8º " .... 50$000	8º " .... 50$000	8º " .... 50$000
9º " .... 50$000	9º " .... 50$000	9º " .... 50$000
10º " .... 50$000	10º " .... 50$000	10º " .... 50$000
11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.	11º ao 15º collocado — 1 assignatura annual de "ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA", no valor de 60$.
16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.	16º ao 30º collocado — 1 assignatura de qualquer das seguintes publicações: "PARA TODOS...", "O MALHO", "CINEARTE", "O TICO-TICO" ou "LEITURA PARA TODOS", no valor de 40$000 cada uma.

ENCERRAMENTO

O "CONCURSO DE CONTOS DO PARA TODOS..." iniciado no dia 21 de Junho de 1930, encerrar-se-á, definitivamente, no dia 20 de maio de 1931, para todo o Brasil.

JULGAMENTO

Após o encerramento deste certamen, será nomeada uma imparcial commissão de intellectuaes, criticos, poetas, e escriptores para o julgamento dos trabalhos recebidos, commissão essa que annunciaremos antecipadamente.

IMPORTANTE

Toda correspondencia e originaes referentes a este concurso deverão vir com o seguinte endereço:

Concurso de contos do "Para todos..."

RUA DA QUITANDA, 7 — RIO DE JANEIRO

CONCURSO DE CONTOS DE "PARA TODOS"

Continuação

Continuamos hoje a relação de todos os originaes referentes a este concurso recebidos até o dia 28 de Fevereiro passado. Os que foram enviados antes do dia 24 de Outubro de 19. não estão aqui citados, visto terem se extraviado. Pedimos aos seus autores o obsequio de enviarem outras copias até o dia 29 de Maio proximo, data até quando está prorogado o encerramento deste certamen.

151 — O martyrio de D. Maricota — Sertaneja.
152 — Desillusão — Rique.
153 — O filho do garimpeiro — Braz Nathan.
154 — Coincidencias — Marquez de Olinipó.
155 — Espinhos da Vida — Léo Pinheiro.
157 — Historia de uma paixão — Coelho do Rio.
158 — O sonho das duas da madrugada — Socy Magno.
159 — "Chora Pitanga" e seu bando — Moraguiar.
160 — Um anjo diabolico — Marco Antonio.
161 — Ondas do além — Além das ondas.
162 — Já era tarde... — Jurandyr.
163 — Talião — Helio Maia.
164 — Erro de pessoa — Gyl Valladão.
165 — O senhor Barbosa versus Destino — Sem.
166 — O copeiro José Garcia — Nêreu Apolonio.
167 — Beatriz e Gilberto — Pacifico Felinto.
168 — O primeiro sorriso — Tersange.
169 — Pareo da morte — Jota - Ra-Esse.
170 — A Villa de Socego — Le Roi S'Amuse.
171 — Rouxinol Captivo — Leila.
172 — O crime da casa velha — Solon.
173 — Alma Erradia — Zé do Amazonas.
174 — O Sertanejo — João da Planicie.
175 — Heitor e Laís — Concepcion.
176 — O logar vasio — Aspirante Novo.
177 — Sonho de ouro — Sylvio da Matta.
178 — Tijuca — Zé Gonçarre.
207 — Casamento sem amor — Iracema.

(Continua)

Eu, a Vida e a Morte na alameda sem fim

Eu vou entre duas mulheres na alameda sem fim.

E ha risos e lagrimas, dores e alegrias,
glorias e fracassos, fausto e miseria,
encanto e melancolia, na alameda sem fim.

Eu vou entre duas mulheres na alameda sem fim.

A da frente é linda e má.
E' ella que me guia na alameda de imprevistos.
E porque ella é linda, e porque ella já me tem feito
soffrer muito
eu não tenho coragem de abandonal-a.
E eu vou, quasi cego, na curiosidade e na esperança
de seus labios e da sua nudez.

Eu vou entre duas mulheres na alameda sem fim.

A que vem atraz de mim, eu não a conheço bem.
E' vaga, impalpavel, immaterial.
Eu ás vezes tenho impressão de que ella seja a minha
sombra.
Tem gestos suaves de irmã de caridade
e acaricía com a mesma ternura, grandes e pequenos,
principes e mendigos, poetas e salteadores.
. . . .
Quando eu me cansar, ella me levará nos braços...

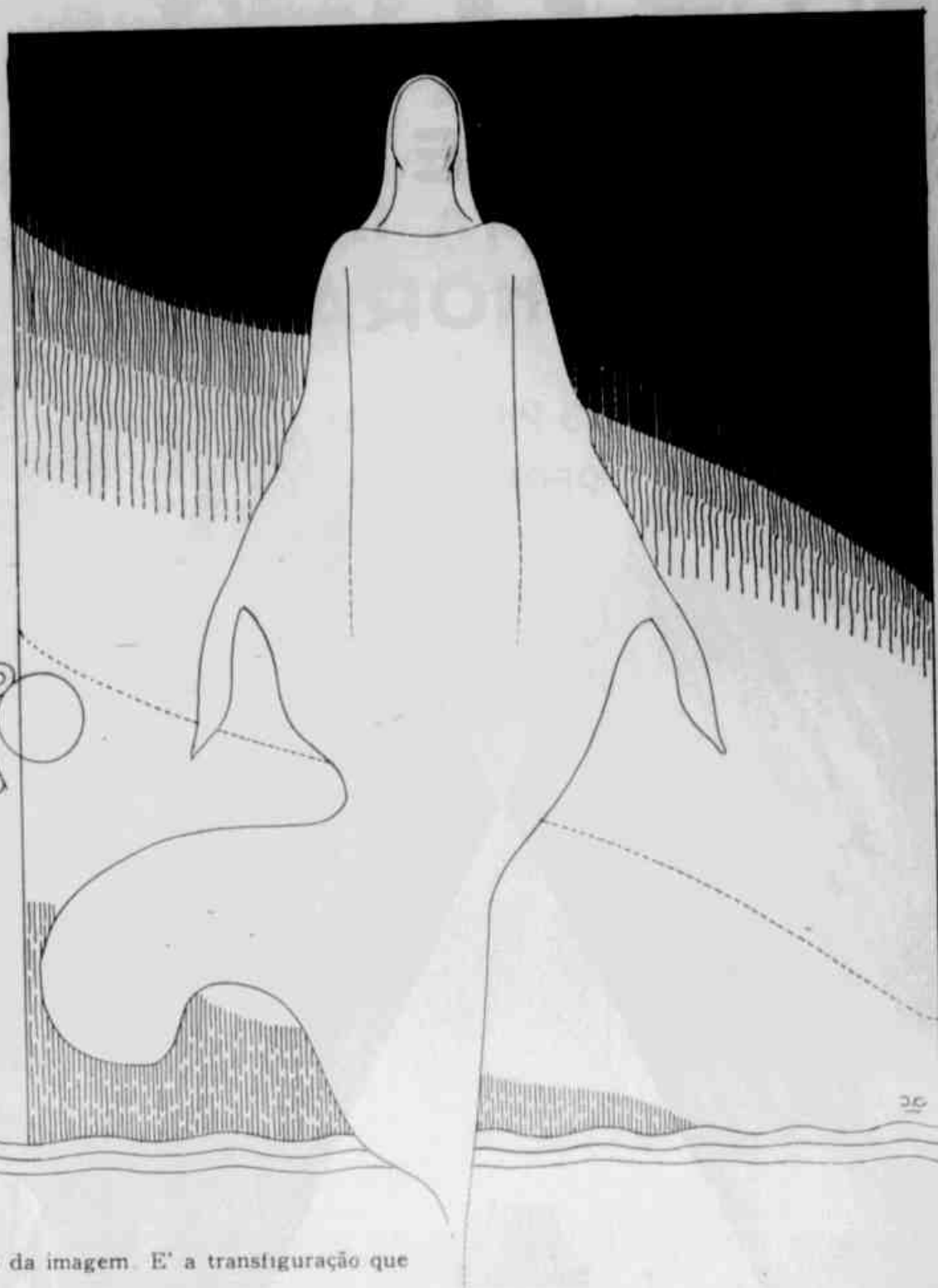
Eu vou entre duas mulheres na alameda sem fim.

NEWTON BRAGA

PARA TODOS...

TRANSFIGURAÇÃO

FEV. — 1923

(Trecho de uma carta)

TUDO transfigura-se e em toda transfiguração ha uma imagem que muda. Nota a imagem que muda. Nota a imagem que passa e que chama a que ha de vir... Este perpetuo *fieri* de imagens é a suprema Esthetica. O movimento é eterno. Nada é estatico e tudo é extase! O pantheismo é immanente e não transcendente. A transfiguração é a causa e o fim; é o universal inattingivel. Explica-nos a nós mesmos e conserva o nosso perpetuo mysterio.

E' uma divina allucinação. O abysmo está em cima, no alto, e todo o meu ser, unido ao teu, sóbe, sóbe, perde-se, transfigura-se. Sinto a unidade absoluta sem imagem. E' o maximo da ascensão. E' a beatitude além da alegria. E' o extase além da imagem. E' a transfiguração que se detem... E a eternidade.

Recomeça a descensão e a imagem renasce. A transfiguração multiplica-se; os extases prodigam-se; a vida define-se; a unidade desune-se. E' a volta á ansia da fusão no Todo infinito, é a angustia, a delicia do Amor. A ascensão recomeça. Tudo transfigura-se. Tudo é imagem. Transfiguração, perpetuo jogo da Esthetica do Universo.

Christo transfigura-se é a Divindade.

Christo resuscita é a Imagem.

A alma transporta-se é o Extase.

O homem imagina-se é o Ideal.

A dôr transtorma-se é a Illusão.

A vida exalta-se é a Alegria.

O amor realisa-se é a Magia.

GRAÇA ARANHA

Se milagres tu procuras,
Pede-os logo a Santo Antonio;
Fogem delle as desventuras,
O ero, os males e o demonio.
Torna manso o iroso mar,
Da prisão quebra as correntes;
Bens perdidos faz achar
E dá saude aos doentes.
Afflições, perigos cedem,
Pela sua intercessão;
Dons recebem, se lh'os pedem,
O mancebo e o ancião."

Ide a Antonio! Pela escadaria. No largo da Carioca. Degráos innumeros, innumeros... Larga escada de pedra dividida em lances. No ultimo, junto ao adro da Igreja, alguns mendigos estendem a mão. Recebem a esmola. Os que sobem vão pedir alguma cousa ao santo magico. E dividem com os mendigos os nickeis da bolsa. E' um meio de agradar ao Santo. E meio caminho andado para obtenção do milagre.

Panorama que se descortina do Convento de Santo Antonio

Altar Mór da Igreja de Santo Antonio.

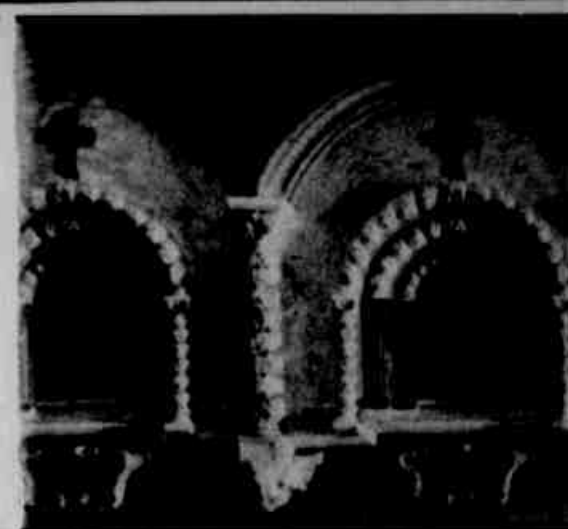
Bem de frente, num nicho cavado na parede, entre a igreja e o convento, Santo Antonio espia quem lhe vae de visita, está vigilante para toda a extensa area que de lá se avista: a cidade, ruas e casario, mar e ancoradouro, e, mais além, o horizonte, que, do elevado em que o puzeram, descortina.

Tambem ha um elevador. Funcciona a horas certas.

Mas os que la vão pouco se importam com o cansaço da subida.

Santo Antonio dos milagres!

"Devo crêr, Dae-me... um bom esposo, O recurso das mães, Defensor celestial, Não falha nunca, Na Terra de Santa Cruz, O dedo de Deus, Milagres a cada passo"... E outros, muitos outros, se bem que não todos, são os milagres que nos conta Frei Pedro Sinzig, num livro de lindas gravuras denominado "O Thaumaturgo Santo Antonio".

A lenda é tão fertil que não ha, quer nos centros civilisados quer nos confins da terra ou no isolamento da selva, quem desconheça o poderoso Santo, e, por sua vez, conte coisas a respeito.

Igreja de Santo Antonio (Via Sacra)

Arcadas, no interior do Convento

Protege a todos. E' querido de todos.

Neste ponto Santo Antonio tem sido tambem castigado. Quando custa a ouvir a prece. Quando se demora a solucionar o caso... Amarram-lhe a imagem de cabeça para baixo. Deixam-no tambem, dias a fio, sob uma cuia. Ou preso por uma corda á beira de poço, ameaçado de mergulho... Santo Antonio Casamenteiro não se importa. Porque, em geral, defere o requerimento.

A Igreja que está ligada ao convento, no

proprio morro de Santo Antonio, é bonita, cuidada, embora simples. Ha trabalhos antiquissimos, como paineis, imagens e propria decoração.

A Via Sacra, esculpida nas paredes lateraes, como pequenos altares, é curiosa obra de arte.

No côro, esculpidos em madeira os primeiros Martyres Franciscanos.

Santo Antonio está lá no fundo, no Altar Mór. Como está em cada casa representado por pequenas estatuas de pau. de louça, de bronze. Umas modernas, feitas de hoje. Outras que têm historia... De uma sei que passára de geração em geração. Fôra achada em solitaria estrada de interior da provincia, toda enrolada em cabellos de mulher.

Serviram, eells, os cabellos, para saquinhos, como amuletos. E a imagem a ser venerada. Santo Antonio, por ter sido assim colhido na areia da estrada e quasi maltratado pelas patas do cavallo do cavalleiro Antonio, era pedido constantemente, constantemente solicitado para a casa de uns e de outros, maximé pelas meninas casadoiras. Um bello dia voltou sem a moeda de ouro que lhe coroava a cabecinha de madeira na imagem de duas pollegadas e meia. Que desconsolo.

E Santo Antonio nunca mais serviu por emprestimo. A moeda roubada fôra a advertencia para que se não tirasse mais o santo da quietude a que se habituára. Era o protesto. Como de outro, no Ceará, e a que denominaram: Santo Antonio do Buraco.

Fôra encontrado no vertice de um buraco muito fundo proximo a um açude. Construiram uma Igreja, mais adiante, para alojar condignamente o santo. Trasladado, lá não ficára elle.

Um canto de jardim do Convento de Santo Antonio

Encontravam-no sempre no buraco, por mais que de lá o tirassem.

Ha tanta coisa sobre Santo Antonio...

"Se queres milagres,
Implora confiante
De Antonio o favor;
Seu braço é tão forte
Que do erro e da morte
Destróe o furor."

Será que Santo Antonio ouve mesmo a toda a gente?...

ALBA DE MELLO

Antonio!

Dois artisticos marmores no Convento de Santo Antonio

Um Vitral artistico da Igreja de Santo Antonio

Tumulo imperial na Igreja de Santo Antonio. Ao lado, um dos franciscanos.

Na sacristia da Igreja de Santo Antonio

A melhor photographia do Principe de Galles

ESTA é a melhor photographia do Principe. A mais jovial. Mais franca. A que melhor demonstra o seu bom humor. A que nos mostra S. A. no seu melhor dos sorrisos.

Esta photographia tem a sua historia. Interessante. Como aliás todas as historias ou lendas que por ahi se propalam do futuro rei da Grã-Bretanha.

Assim que, conta-nos numa chronica o grande escriptor inglez Bymer G. Bannemann, visitou certa vez o Principe de Galles, de uniforme da Marinha Ingleza, uma certa sociedade de Holifox, na Nova Escocia. Sociedade, certamente, é força de expressão, visto que ella se compõe de uma secular arvore que é a "secretaria" do club e, pregado a essa arvore, um simples apparelho telephonico. A "séde social" é um enorme campo onde se divertem os associados, cheio de vallas e arvores, aqui, acolá. Edificio ou qualquer local construido para abrigar-se, é coisa que não existe. Luxo...

O Rei Jorge V, actual reinante, já visitou certa vez essa excentrica associação. E com elle, muitos nobres e pessoas gradas.

Pois foi ahi que surgiu em visita certo dia, o joven Eduardo, em traje de official da Marinha. Recebido com simplicidade em frente a "luxuosa" secretaria, o presidente do club pronunciou um discurso de boas-vindas á real visita, offerecendo-lhe a

melhor "hospitalidade" na "séde" da associação, que, convêm frisar, foi com satisfação acceita pelo Principe.

Depois S. Alteza visitou as "installações": a arvore secular, o telephone, o campo, junto ao phone uma mesinha que serve de salão de jantar, junta a essa mesinha outra que serve de bibliotheca, e... mais distante, um banco com o pomposo titulo desenhado artisticamente: "Salão de fumar"

Durante a visita real, o bom humor não faltou. Nem podia faltar. A etiqueta supprimiu-se. O protocollo desappareceu. Eclipsaram-se as cerimonias. O sorriso e a satisfação desenhadaram-se nos labios do principe ininterruptamente.

A' sahida já, pediram-lhe que escrevesse as impressões. Pessoaes. E foi nesse momento, na "bibliotheca" da sociedade, que alguem disse qualquer gracinha. Gracinha-mór, já se vê... E S. A. R. não poude se conter que não risse abertamente. Uma franca gargalhada.

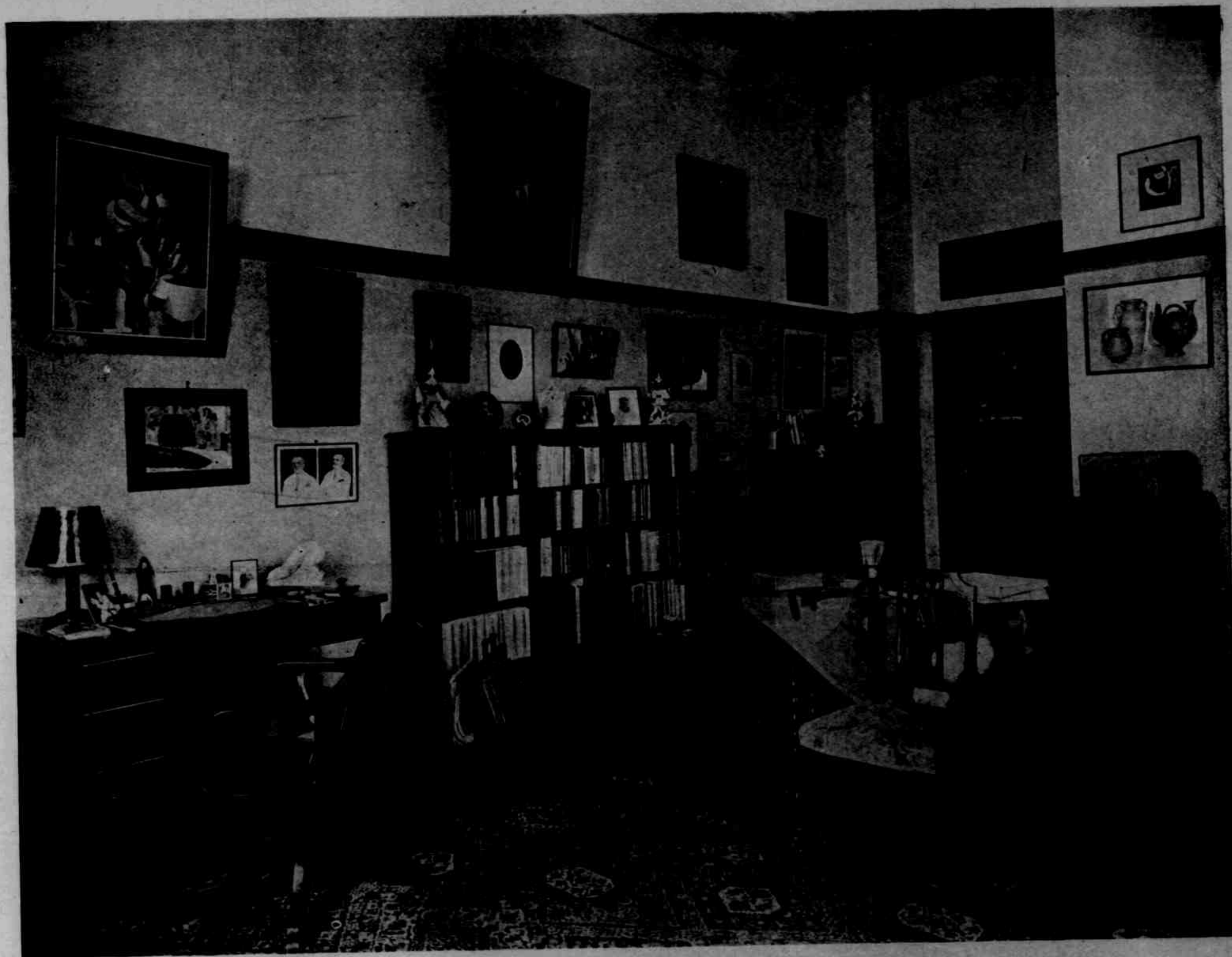
Um photographo, attento, não perdeu tempo. E bateu a chapa. E eis como appareceu, desde então, a melhor photographia do Principe, aquella em que elle está com um cigarro á bocca, riso franco nos labios e onde se permitte ver uma fileira de dentes alvissimos.

Diz Bymer G. Bannemann que nos conta esta historieta que, se pudesse, aconselharia o Principe a reproduzir milhões de copias dessa photographia e as distribuiria pelo mundo com a seguinte dedicatoria:

"Aqui tendes uma photographia minha. Observae que nada tenho de particular e preservae-me de qualquer visita pessoal. Vos agradecerei."

Mas o Principe de Galles é um homem extraordinario. Um Principe, que se differencia de todos. Não é preguiçoso. Mas activo. Energico. Moderno. E eis a razão porque, a escrever isso, prefere com seus proprios olhos tudo ver, saber, conhecer.

Fundação Graça Aranha

Edificio d'"A Noite" Salas 714 e 715

Um recanto da sala principal com parte da bibliotheca e a mesa onde Graça Aranha escreveu "A Viagem Maravilhosa"

Football

Sul-Americanos

No estadio do Vasco e no estadio do Fluminense

Cariocas

Um instantaneo do jogo dos Sul-Americanos com os Cariocas

Palestra Italia de São Paulo

Entrega de um bronze

Fluminense

PROCOPIO FERREIRA
(Desenho de Lula)

O Theatro, a Revolução e o Dr. Getulio Vargas

ENTRE as questões, de interesse vital para o Brasil e para a nacionalidade, descuradas, systhematicamente, pelos governos, desde os tempos do Imperio, está o theatro nacional. Em vão a mentalidade brasileira clamou por elle, ou se esforçou por creal-o: Nunca nenhum governo o julgou materia de relevancia, muito embora os corpos legislativos — honra lhes seja — houvessem produzido leis com o intuito de instituil-o entre nós.

A Revolução se fez exactamente para cuidar de cousas essenciaes á vida nacional que o governo dos politicos profissionaes relegava para planos secundarios ou deixava, mesmo, ao abandono. Este é, bem, o caso do theatro, de modo que se póde ter a certeza de que algo se fará, como algo se fará tambem pelo cinema nacional. Não se admitte, realmente, na nossa época, paiz que aspire ter personalidade propria que não possua o seu theatro, a sua musica, e o seu cinema. Dá-nos maior certeza de que o assumpto vae ser considerado o facto de ter sido feita pelo Dr. Getulio Vargas, quando deputado, e ter o seu nome a unica lei, posta em execução, beneficiando o theatro. Ella vem produzindo os melhores resultados e deve ser mantida, bem como o regulamento contra o qual se revoltam agora alguns artistas, introduzindo-se nesse regulamento, quando muito, ligeiras modificações, que a pratica destes seis annos de utilização aconselha.

Para que se tenha uma idéa de como os governos transactos encaravam a questão do theatro, basta referir, mais uma vez, que desde que foi abaixo o velho João Caetano, ficou sem séde, sem ter onde funccionar, a Escola Dramatica Municipal. Isso foi ha mais de dois annos. No plano do novo João Caetano não se pensou na Escola e até hoje director, secretario e professores vencem ordenados, sem que a Escola de facto, exista... Esperemos, pois, mas esperemos, desta vez, com a fé viva de alcançar.

MARIO NUNES

Querida amiga Nicéa.

Salve!

No cumprimento da promessa que, na ingenuidade da nossa adolescencia, fizemos uma á outra, de a primeira que casasse dar á segunda a decifração dessa "vida de casada" tão cheia de mysterios e sonhos complicados — para as solteiras, para as já iniciadas, ao em vez, repleta de verdades tão simples e realidades tão espontaneas que chegam quasi a apparecer incriveis de naturaes que são, venho hoje, depois de tão longo silencio, dar-te conta da unica e desagradavel impressão que me ficou dos instantes que deveriam ter sido os mais encantadores do meu "novo estado"

Trata-se desse uso chique e estupido, cuja denominação, tão poética quão hypocrita, põe em alvoroço a castidade medrosa de uma virgem — a *viagem de nupcias*.

O que ella é, Nicéa!

A ter-se dado com as outras o que commigo se deu, devo concordar que nós, as mulheres, somos bem mais cynicas do que nos pintam todos os Schopenhauer. Então não me podia ter evitado tanto dissabor, tanta desillusão e constrangimento um pouco de franqueza daquellas que se diziam minhas amigas, e que, muito antes de mim, haviam passado por essa provação? Será que a viagem das outras foi differente da minha? Será que de todas as viagens desse genero, feitas até hoje, justamente a minha foi a excepção, precisamente a mim coube o quinhão peor?... Digo-te que não creio absolutamente.

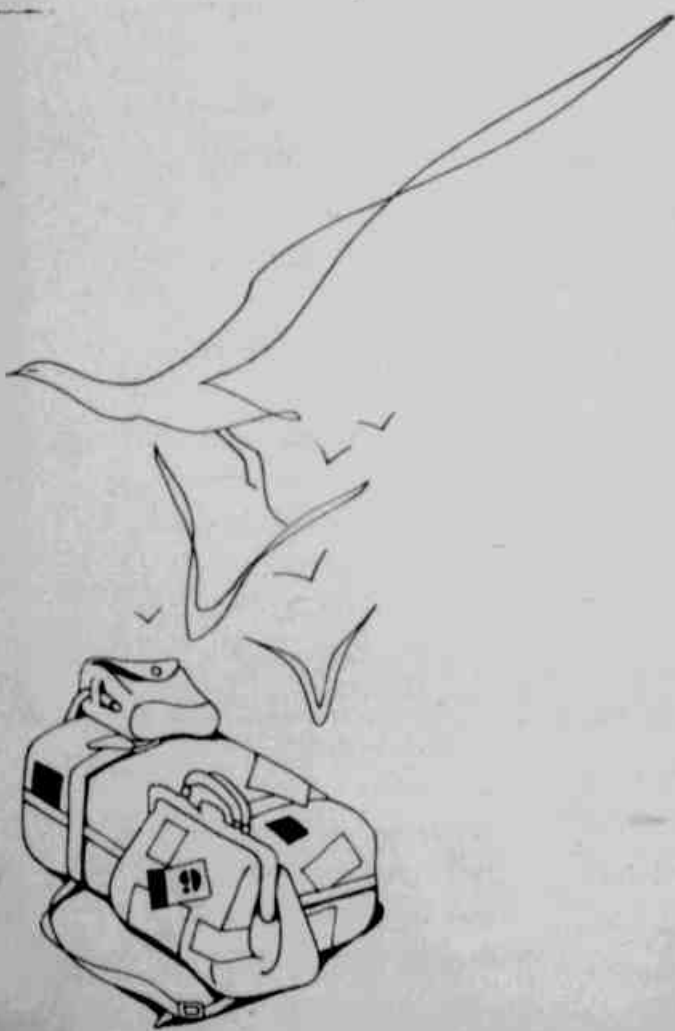
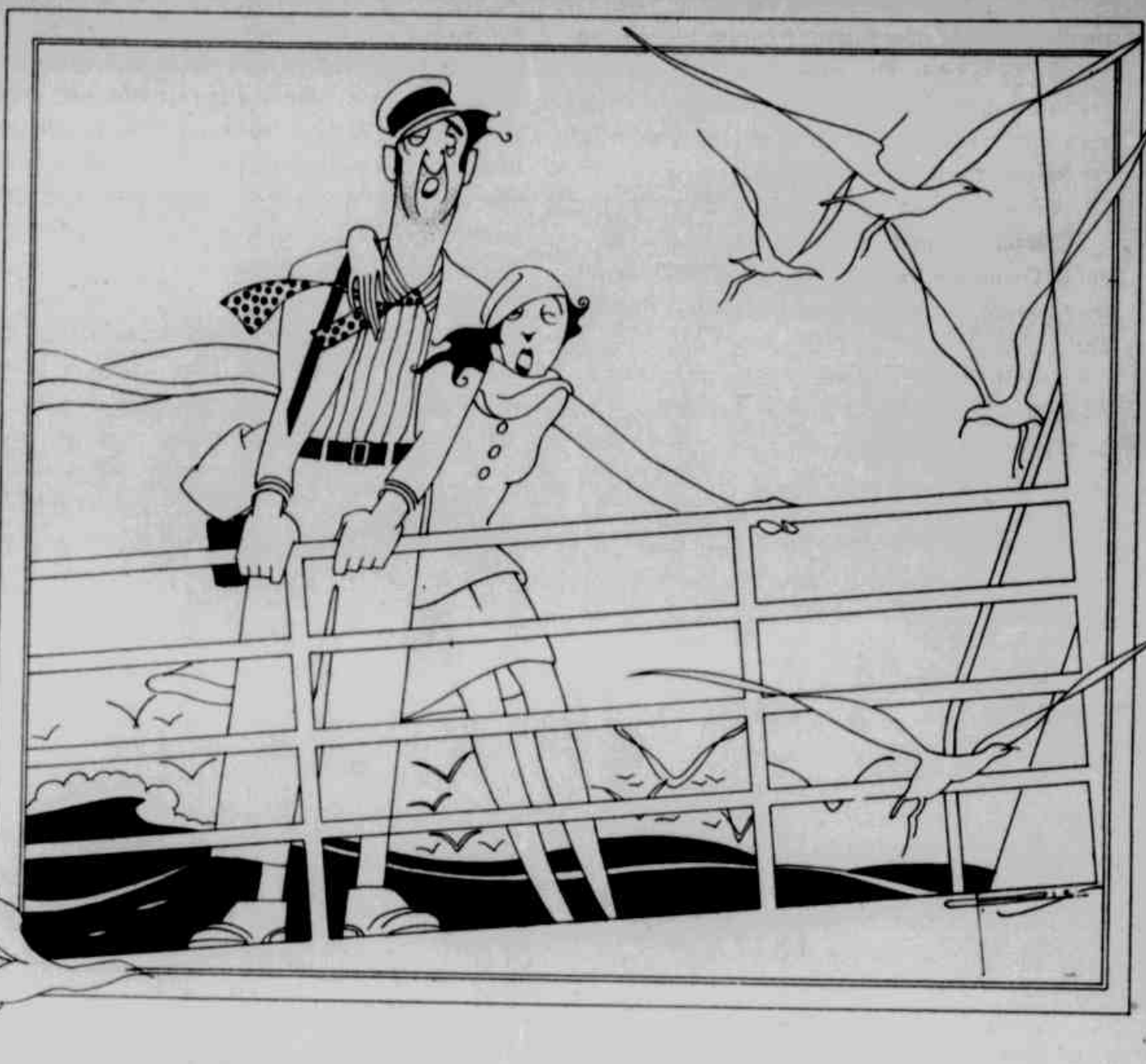
Ah! querida, tu que és tão bella e romanesca, tu que encontras, como eu encontrava no meu, tanto encanto em teu noivo e em ti mesma, não desejes nunca fazer uma tal viagem. Casa-te e vae, immediatamente, para tua casa, que, para o teu amor perder aquelle falso brilho com que nós, na nossa grande ignorancia, o aureolamos, (e que é de tão intensa suggestão e belleza) não faltará tempo.

Não fiques aterrada! A comprehensão da realidade da vida em commum só pisa e amarga nossa alma inexperiente, quando nos vem de chôfre. O que despoetiza a vida conjugal e ameaça ao nosso ideal amoroso, tornando tal realidade insupportavel, direi mesmo — brutal! — é a violencia por que ella possa apresentar-se. Sim; pois um dia essa realidade terá que vir, é fatal. Virá, porém, gradativamente. Sem nos entontecermos com a surpresa, vamos assistindo, indifferentes ou conformadas, a mentira dourada ir, aos poucos, naturalmente, cedendo lugar á verdade núa e crúa; o enthusiasmo passageiro á admiração duradoura; o delirio dos vinte annos á calma dos 365 dias; os sonhos impossiveis á sciencia do util; os previstos utópicos aos imprevistos praticos. Emfim, todo esse nosso esplendoroso encanto que se deixa substituir pelo que, amanhã, será o nosso *aproveitavel desencanto*, em que pesem o nosso apego ao bello decorativo e instinctiva aversão ao prosaico conveniente...

Quando pensei eu, por exemplo, que Euclydes suasse nos pés e, como tu, como eu, como todos, acordasse com mau halito? No emtanto, com que satisfação eu mesma lhe preparo, agora, o banho e o dentifricio!

Ora, depois dessa tirada tão rude e pretenciosamente "philosophica", para fazeres uma idéa do que seja essa viagem, principiarei a narrar-te desde o meu bota-fóra á tortura que ella me foi:

Nosso embarque, como deves estar lembrada, foi feito debaixo da maior discreção e do mais recommendado sigilo. Nem as flores, recordas-te? (tu mesma m'as preparaste no automovel) quiz eu levar, para que ninguem a bordo desconfiasse que eramos recem-casados. Mas, ah! intento vão! Onde poderão apresentar-se dois noivos incognitos que, im-

mediatamente, não sejam reconhecidos como taes?... De onde virá essa revelação, esse estranho e subtil fluido que, desprendendo-se de dois amantes noviços, como que os despindo, os denuncia aos olhos profanos?

Sei lá!

Seriam os nossos gestos que nos accusavam? Os nossos vestidos novos? A pallidez do meu rosto? — eu me perguntava surprehendida.

Não podia ser. Se eu nem me movia quasi! Se nós nem nos olhavamos, justamente para não chamar a attenção! Se os nossos vestidos eram novos, era porque eram simplesmente novos, iguaes aos de qualquer homem ou mulher que os use novos. Do meu rosto não podia ser, por isso que, nesse dia, eu me pintei como nunca, até te digo mais, com tal exaggero que mamã me censurou.

Não imagino o que teria sido. Sei que fomos logo notados.

E, ah! Nicéa, quanto olhar velhaco tive de supportar de muito pelintra pacóvio, de muita *moça innocente!* Quanto sorriso canalha surprehendi nos labios daquelles conspicuos paes de familia encasacados e daquellas respeitaveis mamãs de *lorgnon!*

— Olha, esses dois são casadinhos de fresco!...

— Como ella está pallida!...

Ouvi de raspão esse dialogo.

Mentira! Eu estava pintada como uma romã! Mas, criaturas ha cuja imaginação dispensa os olhos, e essa especie de roedores vê só o que quer ver.

Não podes calcular como este mundo é mau, Nicéa! Não se respeita nem o acanhamento natural de uma noiva, o pudor instinctivo de uma donzella.

Eu tinha a impressão de que nos haviam eleito "mascottes" daquella viagem. Eramos o ponto de referencia, o assumpto obrigatorio das palestras daquelle pequeno mundo fluctuante. Quando eu passava pelo tombadilho, ao lado de Euclydes, eu não via, mas sentia, sim, sentia que deixavamos atraz de nós, por entre os viajantes estendidos nas espreguiçadeiras, uma esteira, entrecortada de cochichos zombeteiros que futuravam coisas, reticencias de palavras incompletas que diziam possibilidades e olhares intencionaes que despertavam malicias.

O nosso divino deslumbramento, o esplendor das nossas primeiras horas de amor serviam de pasto áquelles imbecis.

E dizem que perolas não alimentam porcos!... Envergonhada e chorosa, pedi então a Euclydes não sahirmos mais do camarim. Elle acquiesceu. Lá nos levavam os alimentos. Se até o porto do Rio Grande essa reclusão voluntaria não foi como uma recem-esposada mal advinha e espera, foi, comtudo, boa em comparação ao que ella foi, depois do vapor passar a barra.

Ahi é que principiou a phase aguda do nosso martyrio: Pegámos mar bravo. O vapor *jogava* assustadoramente. Euclydes adoeceu de enjôo, e... eu tambem. Pobre de Euclydes! Pobre de mim!... O meu marido, Nicéa, aquelle tribuno que vocês todas tanto admiram, e de cuja bocca eu só esperava palavras bellas, versos emballadores, como é feio vomitando!... Eu, aquella tua amiga cuja formosura vocês tanto gabam, e de cujos labios elle, naturalmente, só aguardava beijos, juras de amor, phrases blandiosas, como a seus olhos deveria parecer repugnante, horrenda!...

Ambos pensavamos essas cousas e como soffriamos! Mantivemo-nos em linha até o quanto nos foi possivel, mas acabámos por ceder ás imposições do nosso abatimento physico. E cahimos os dois, por ali, sobre o pequeno *beliche*, habitação dos mais torpes parasitas, combalidos, esqualidos, cor de cidra, sem nos podermos alimentar, sem termos mesmo forças para nos manter em pé. As comidas que, coagidos pela fome, ingeriamos, eram inaproveitadas. Como uma reproducção grosseira da scena de Verônica, a maquillagem desapparecera-me do rosto para apparecer estampada na fronha dos travesseiros. Meus cabellos, sem "verem" pente muito dias, todo pontas, duros de tão resequidos, estavam espastados, cerdosos. Emfim, minha imagem no espelhinho da bolsa representava uma seresma ignobil, uma dessas adelas de bairro russo.

Porém, querida amiga, apesar de tudo, eu ainda levava uma grande vantagem sobre Euclydes: é que eu não tenho barbas, Euclydes as tem e... cor de fogo!... Palavra, Nicéa! Euclydes tem barbas cor de fogo!... Não fosse essa maldita viagem eu nunca as teria visto, ou só as veria mais tarde, quando já estivesse costumada ás surpresas de que te falei. Mas confesso-te que é sempre bem desagradavel ver uma cousa dessas aos tres dias de casada... Agora, seductora noivinha, imagina tu um calor canicular de inter-tropico; duas creaturas plenas de poesia e amor, mareadas, suando como filtros, sem se poderem banhar, enclausuradas num cubiculo estreito, sem ar, sem luz, sem vista para parte alguma; camas tresandando a repelentes *geocorizas;* — ó desespero! — um cheiro intoleravel e azedo de doença e de carvão queimado impregnado em tudo — a ahi tens o scenario onde interpretamos o nosso primeiro acto!...

Não, Nicéa, não te submettas nunca a esse uso estupidamente chique. Casa-te e guarda no unico templo que ha para o sacrificio do teu amor — que é a tua alcova — os arcanos da tua sagrada iniciação. Lá nunca assistirás essa cousa arrasadora de um camareiro apalermado, mas atilado no deboche, depois de engulir-te a ti com os olhos cúpidos e vesguentos, focinhar a sua curiosidade abjecta na tua intimidade!

Uma viagem de nupcias! Que desillusão, querida Nicéa! — Beijos da tua ZOÉ.

ESPELHO

— Boa tarde!

(Desenho de Raymond de Lavererie)

Zaira Cavalcanti **Joan Marsh**

Uma é morena. A outra é loura. Uma canta canções tristes. A outra faz fitas alegres. Uma nasceu no Brasil. A outra nasceu nos Estados Unidos. Etc., etc., etc. Mas são parecidissimas.

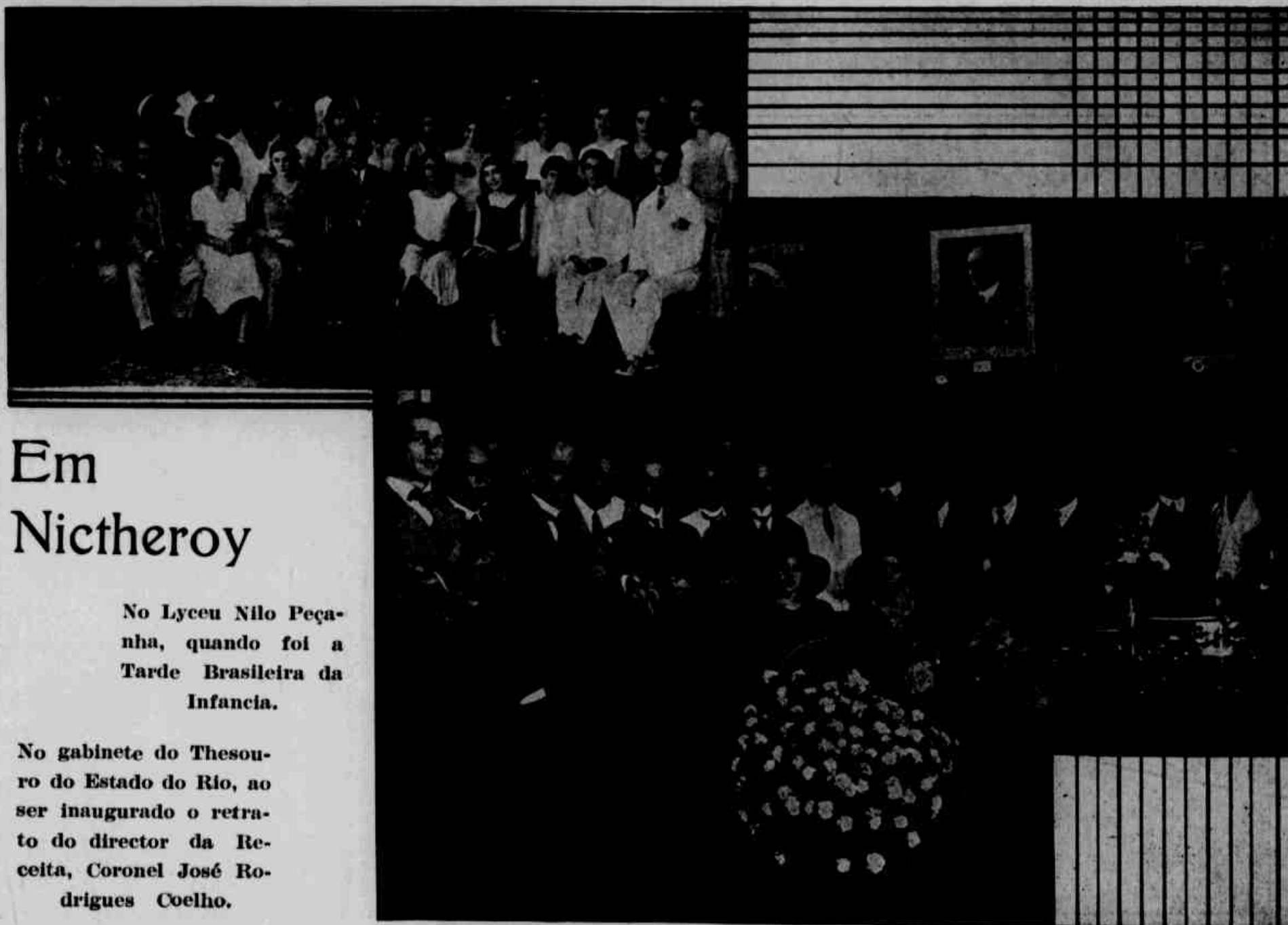
Cécile Sorel *com a grande especialista norte-americana, Barbara Gould. Barbara Gould foi a Paris fazer a reclame pessoal dos seus methodos de defesa contra a velhice e dos seus preparados de ataque a essa idade perigosa.*

(PHOTO UNIVERSAL)

Marinheiros da Russia tomando banho no Mar Negro.

Uma cabeça como muita gente não tem.

No Fluminense Football Club

Os socios da sympathica associação esportiva e suas familias offereceram uma festa ao presidente, Dr. Arnaldo Guinle. Aqui estão duas lembranças dessa festa de alegria cordialissima.

Em Nictheroy

No Lyceu Nilo Peçanha, quando foi a Tarde Brasileira da Infancia.

No gabinete do Thesouro do Estado do Rio, ao ser inaugurado o retrato do director da Receita, Coronel José Rodrigues Coelho.

No Club Nacional

Instantaneos da festa artistica realizada por iniciativa do presidente Dr. Paulo Pinto da Rocha e na qual tomou parte, com grande exito, a Senhorita Leda Boisson.

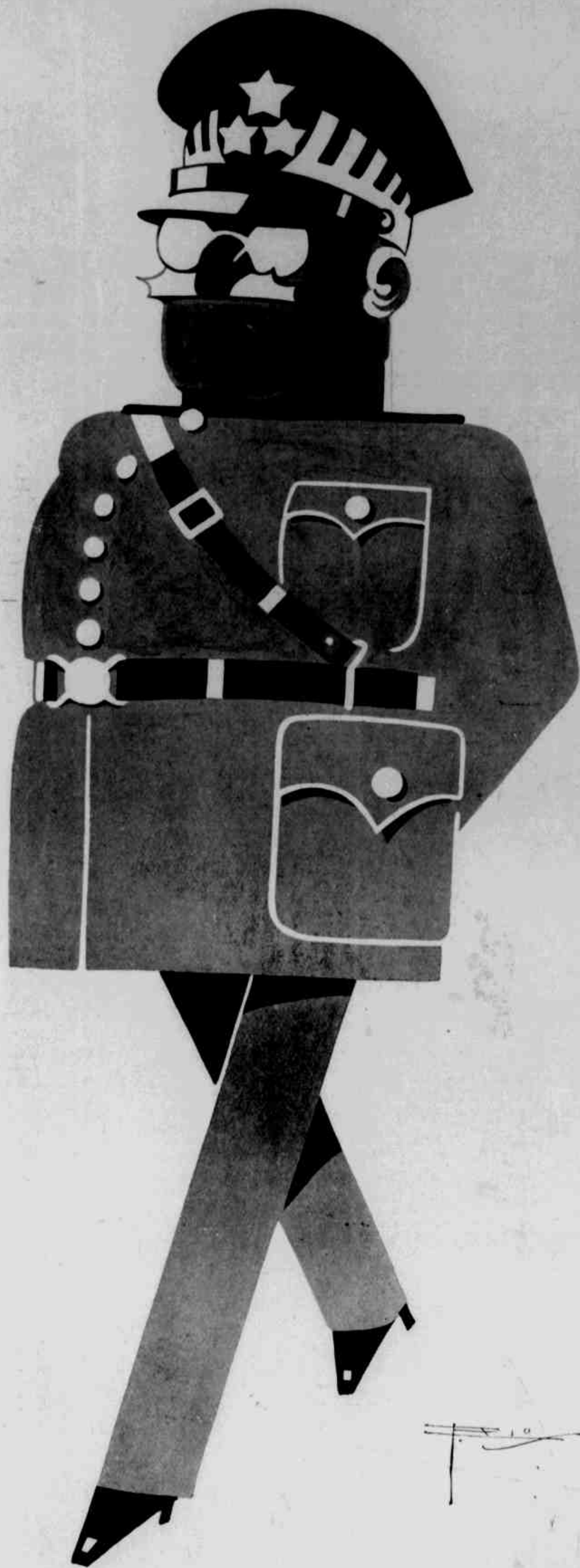
Em baixo: grupo feito no dia do almoço offerecido pelo club "Bodoque" aos jornalistas norte-americanos que vieram visitar o Rio. Aracy Côrtes cantou sambas e dansou um maxixe com Paulo Magalhães que fez a sua "rentrée".

Tasso Fragoso

MUITO mais Tasso do que Fragoso. Não fez em versos a "Jerusalém Libertada". Mas libertou o Rio de Janeiro. Em prosa. Maciamente. Lisamente. General da activa. Homem da reserva. O Brasil acredita nelle, sabe que conta com elle. Quando o Brasil se enfésa, pensa logo em Tasso Fragoso. É um nome de grande consumo nos boatos. Entretanto, pelas suas palavras, pelas suas maneiras, pelo aspecto longinquo com que se móstra, Tasso Fragoso não tem o "it" que tórna populares os cidadãos das democracias. Durante a visita do Rei Alberto, foi o official que o acompanhou. Na cidade, nos salões, nas festas, nos passeios, a gente olhava os dois. Rei mesmo era Tasso Fragoso. Pois a nossa terra que trata todo mundo por tu, dá senhor a Tasso Fragoso e gósta delle como de um namorado. Namorado passa debaixo da janella, passa, desapparece, volta. Noivo já entra em casa, conversa, começa a mandar. Marido, sempre junto, governa, discute, implica. Tres postes de parada do amor. No primeiro, todos esperam. No segundo, ninguem sabe para onde vae. No terceiro, ha um bruto perigo de tomar o bonde errado. Tasso Fragoso continúa passando debaixo da janella. Queridissimo...

ALVARO MOREYRA

Desenho

de

J. Carlos

Miss Russia
Senhorita Chaliapine

Miss Yugoslavia
Senhorita
Urban

Miss
França
eleita Miss Europa
Senhorita
Juilla

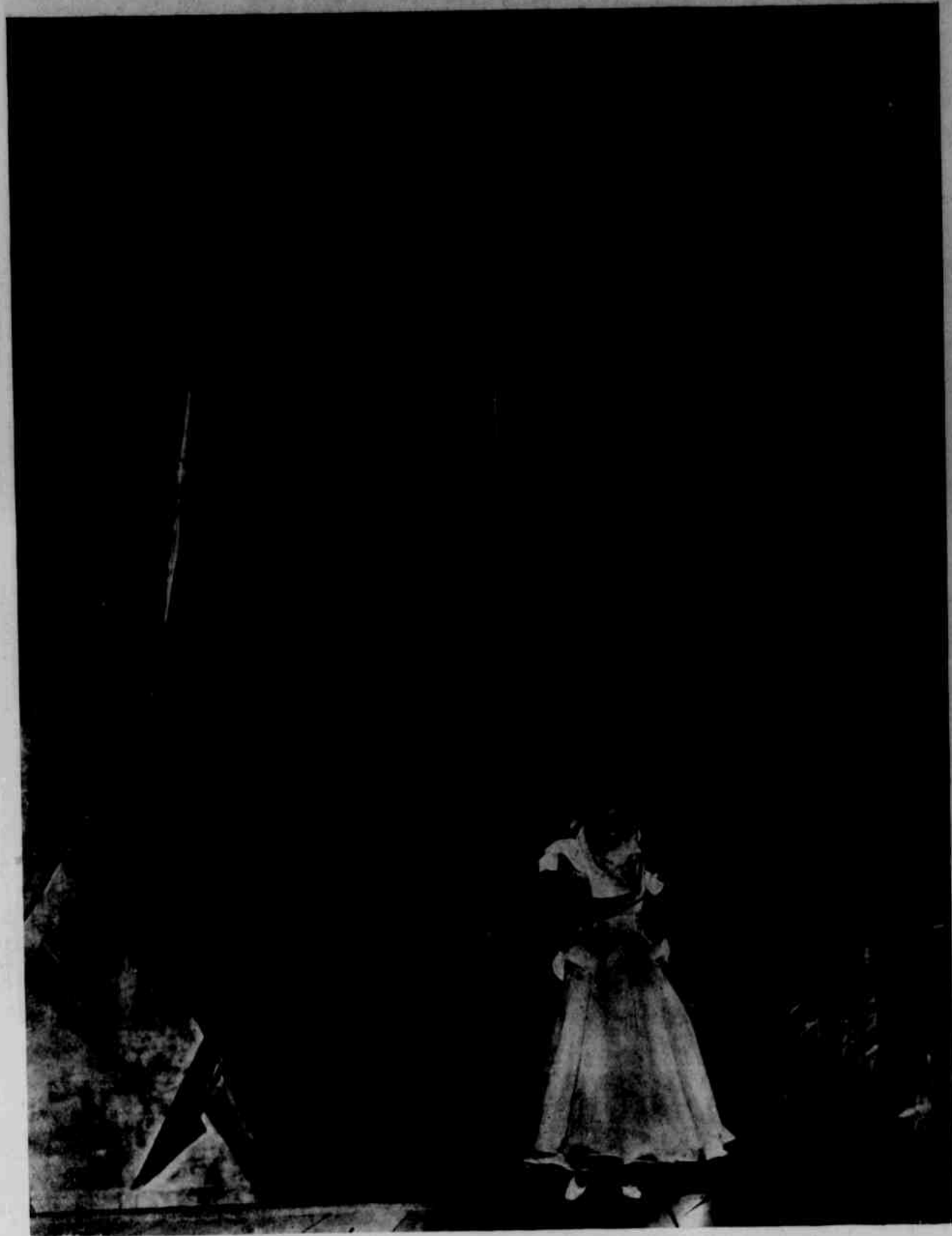
Miss Hungria Senhorita Fekete

No medalhão ao centro: Miss Hollanda Senhorita Lelyveld

Miss Esthonia Senhorita Silberg

B a i l e s

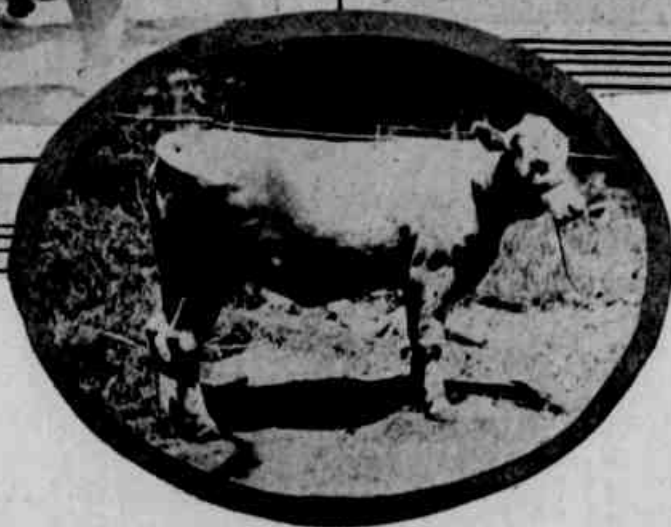
Em cima e no meio: Atlantico Club. Em baixo: Tijuca Tennis Club

A outra Berta Singerman

O milagre de Berta Singerman actriz de comedia e de tragedia só espantou os que não acreditavam nessa creadora de creações. Berta não dizia versos, não declamava. Com o seu silencio, as suas attitudes, os seus gestos, com a vóz luminosa, vóz que a gente olhava, ella escrevia de novo no ar as palavras, punha um pensamento mais prolongado em todas, e era, quasi pequena, muito branca, evocativa, ondulante, ao mesmo tempo pintura, esculptura, dansa, musica, poesia. Nas figuras que tem mostrado dentro do Theatro de Camera, humanisou a sua arte. E' a mesma Berta. Mas não é a Musa. E' a Mulher. Realidade em vez de suggestão. Trouxe do sonho a vida ainda encantada de mysterio, a vida que encontra a vida e quer viver. Cantico dos Canticos 1931...

EM SAO PAULO

Visita da Senhora Albert de Haydnn e do Senhor Ministro da Hungria á fabrica F. Matarazzo. Os visitantes com a Familia F. Matarazzo. Operarias e creanças em trajes nacionaes da Hungria.

Exposição Pecuaria de Petropolis

Visita do Dr. Assis Brasil. O Senhor Ministro da Agricultura com o Prefeito Dr. Yeddo Fiuza.

"Duqueza". 1º Premio. Fazenda da Quitandinha.

Dr. Raul Braga de Azevedo, proprietario da Granja dos Papagaios — Itaipava, com "Lucerna", 1º premio das vaccas "Sal noyz".

O Rei Jorge V e o seu filho mais moço na Escocia — O Rei Jorge V, acompanhado pelo seu filho mais moço, o Principe Jorge (que se vê á direita) chegando a Ballater, em caminho para a sua residencia official da Escocia, o Castello de Balmoral. Deixando o Castello, o Rei Jorge e a Rainha Mary visitaram o Duque e a Duqueza de York no Castello de Glamis, onde nasceu ha pouco tempo mais um neto dos soberanos inglezes. O Rei e Principe Jorge, em trajes escocezes, são recebidos pelo official commandante da guarda, Lord Aberdeen, lord tenente do Condado. — (Photo da Int. News Photo)

O Rei Jorge V, da Inglaterra

POR GUY HESETINE

AQUELLES que estão em contacto intimo com Sua Majestade costumam ser interrogados constantemente acerca dos seus caracteristicos pessoaes. Isso não é facil de se responder. Mas pode-se assegurar que á primeira vista chama a attenção o conceito optimista que o Rei tem da vida e a relativa facilidade com que encara os delicados problemas que o seu alto cargo lhe impõe. Junte-se a isto, uma affabilidade de caracter innata.

Sob a tranquilla e genial apparencia exterior, em tudo igual á de seu pae, appareceu-lhe as grandes faculdades de um politico esperto. E pode assegurar-se que, tanto em sua patria quanto no estrangeiro, é enorme a sua actividade nesse assumpto, comquanto para a maioria do publico fique ignorada.

Foi, por exemplo, devido inteiramente á sua influencia que se conseguiu reunir aos dirigentes irlandezes inimigos da historica conferencia, onde, por esforço de todos, se conseguiu o restabelecimento da paz na Irlanda. E innegavel que nenhuma outra pessoa no mundo inteiro haveria sido capaz de realizar nestes dias entre os inimigos da qualidade do finado John Redmond e do actual lor Corzon, para que discutissem o "problema irlandez" tal como então se apresentava. E é aqui que convêm citar que, nunca houve um monarcha tão constitucional quanto o Rei Jorge V, que naquelle momento soube fazer valer a supremacia da sua real investidura, sem torcer, entretanto, em qualquer instante, os limites de seu poder.

E' necessario, porém, conhecer ao rei em sua vida privada, para poder aprecial-o em todo o seu valor.

E' tão extremamente singelo que, ao falar com elle, esquece-se que se está conversando com a suprema autoridade do Imperio Britannico.

Aqui contaremos uma anecdota sua, verdadeira e inédita, decorrida em uma de suas visitas á França.

Visitava um hospital australiano durante a guerra, quando lhe foi apresentado um sargento da mesma nacionalidade.

— Pardiez! — exclamou o soldado. — Sempre desejei encontral-o, senhor.

— Bem! — respondeu o rei. — Aqui me tens. Que pensa de mim?

Outra dos caracteristicos do rei é o affecto profundo á sua familia e o amor ao seu proprio lar.

Confessa, quasi sempre, que nunca é tão feliz como quando gosa de alguns dias de descanso em suas chacaras de Balmoral e York.

Não obstante sua idade avançada, o rei faz parte ainda dos seis melhores atiradores da Europa, seja fusil ou rifle.

Realizavam-se varios interessantes concursos em Balmoral entre o monarcha e os seus filhos, no anno passado, no intuito de se ver quem mataria o primeiro veado ou quem trouxesse para casa o maior numero de coelhos. Sua Majestade venceu facilmente estas provas, não obstante serem seus filhos uns bons atiradores de rifles. Outra das qualidades do rei é a sua formidavel modestia.

Certo dia passeava o rei tranquillamente pelos jardins do Bukingham Palace, quando chegou ou palacio um dos membros da côrte em um pequeno automovel. Saudou S. Majestade e já se dispunha a entrar no Palacio, quando o rei manifestou desejo de examinar o carro. Feito isto, S. Majestade, entre serio e galhofeiro, disse:

— Francamente, quizera poder comprar um carro assim.

As occupações do soberano são muito numerosas, de sorte que é bem possivel que sejam verdadeiras estas palavras do primeiro ministro: "o rei é o homem mais trabalhador de todo o imperio".

Levanta-se ao despontar do dia para attender os assumptos governamentaes, sendo innumeras vezes depois de meia-noite quando dá por terminado seu labor diario. E' tão rapido com o pensamento como com a acção, e o finado Bil Cárrington que foi durante muito tempo seu thesoureiro particular, comparou-o certa vez a uma criança feliz, pela rapidez com que saltava de um thema a outro, atrapalhando a quem não estivesse muito acostumado a seguil-o.

Sua Majestade, porém, sabe perfeitamente quando tem que usar "luvas" ou não. Já ha alguns annos, um conhecido, mas algo impetuoso ministro, pediu-lhe que assignasse certo documento. Sua Majestade sentou-se ante a escrevaninha e se dispunha a ler o conteudo do documento, quando o ministro, que estava impaciente, lhe interrompeu:

— Não tem necessidade de ler este documento, Majestade, visto que não tem importancia.

— Ah, sim? — respondeu o monarcha. — Então o deixaremos para outra vez.

E, antes que o ministro soubesse do que se passara, o rei se havia retirado.

Para finalizar, ha uma outra caracteristica no soberano, que é impossivel esquecer: a devoção que tem pela sua mãe, a anciã rainha Alexandra. Quando se acha em Londres, o rei encontra sempre momentos disponiveis, para ir a Malborough House para passar um tempo junto a ella e cuidar de que nada lhe falte. Como se vê, tambem ahi, o rei é um exemplo para todo o imperio.

O APARTAMENTO AZUL

COMEDIA EM 6 QUADROS DE IBRASIL GERSON

(Continuação)

FAUSTA (**durante o tango vae fazendo seu "spleen" descambar para uma larga melancolia).**

VERMOREL — Então? Mereço uma vaia?

FAUSTA — Applausos, apenas...

VERMOREL — Ficou triste...

FAUSTA — É para dar razão ao seu pensamento sobre o tango...

VERMOREL — É este o tango da sua saudade?

FAUSTA — Este e quasi todos os outros...

VERMOREL (**tocando accidentalmente numa carta**) — É a sua ultima carta de amor?

FAUSTA — A ultima...

VERMOREL — Que carimbo estranho! Vem de tão longe?

FAUSTA — Precisamente da Terra do Fogo, o ultimo pedaço de terra que os homens habitam lá no sul, a caminho do Polo...

VERMOREL — E onde existe um presidio, numa cidade chamada Ushuaia... Um presidio differente dos outros, porque a cidade é uma prisioneira eterna dos gelos infinitos, e os homens são os prisioneiros da cidade. Uma cidade que faz lembrar um quarto de hospital: toda branca, toda cercada de silencio... Mas por que esta carta é a ultima?

FAUSTA — Porque elle nunca mais poderá escrever outra...

VERMOREL — Morreu?

Elsa Gomes, da Companhia Procopio Ferreira no Trianon

FAUSTA — Matou-se... (**fixa bem Vermorel nos olhos**) Talvez a outra pessoa qualquer eu seria incapaz de contar este episodio da minha vida. Mas a você eu contarei. É a segunda vez que nos vemos. Mas tenho a impressão de que nos conhecemos de ha muito tempo, que somos velhos confidentes... Deixe-me olhar bem nos seus olhos... Eu vejo nelles qualquer coisa de muito expressivo. Você tambem tem uma grande tristeza dentro da vida, não tem?

VERMOREL — Tantas!

FAUSTA—Mais do que eu, de certo não.

VERMOREL — É que não sahiu ainda uma lagrima dos meus olhos... Mas sahirá um dia, acredite...

FAUSTA — Acha que eu me admiro de uma lagrima de homem? Em verdade, não conheceu bem a vida o homem que ainda não poude, no silencio de uma noite triste, ver uma lagrima nascida delle mesmo... (**a carta vinda da Terra do Fogo está agora toda amarfanhada nos dedos longos de Fausta, e Vermorel olha para a carta com interesse**). Você olha para a carta com interesse... Ella me traz a noticia de alguem, da minha vida, que morreu por mim. Você já teve esta emoção de saber que alguem morreu por sua causa? Esta emoção não é alegre, no sentido vulgar da alegria... Mas acredite que ella dá mais força á vida, mais grandeza. A gente sabe que influiu em alguma coisa, na vida. A gente sabe que representou, pelo menos uma vez, o papel do destino. Repare bem, si puder, um dia, nos olhos de um homem que está vendo o corpo inerte de uma mulher que fugiu da vida, porque a vida, sem elle, não se comprehenderia... Repare bem nos seus olhos: o homem se engrandece diante da tragedia, porque possue a vaidade de poder soffrer a dôr maior que o destino póde dar...

VERMOREL — A carta que você recebeu deu-lhe agora essa vaidade... Eu comprehendi...

FAUSTA — Comprehendeu, sim... Elle matou-se no presidio da Terra do Fogo...

VERMOREL — ... porque lhe faltou o amor de você...

FAUSTA — O meu amor nunca lhe faltaria... nunca... Elle matou-se porque só seria livre de novo aos 50 annos. Fez justamente 38 no dia em se matou. Era ainda um moço. Mas seria um velho quando tivesse licença para voltar para a vida. E eu tambem. Seriamos dois velhos . Lembro-me da sua phrase de sempre, inspirada em Pitigrilli: "A vida so poderá ser vivida emquanto houver no coração da gente uma bateria que se carregue de amor todos os dias..." Tudo por uma questão de voltar. Acha que voltar é bom?

VERMOREL — Talvez...

FAUSTA — Quando a gente volta e encontra uma sensação differente, melhor. Elle sahiu da vida ha 8 annos, quando tinha 30. Sahiu no apogeu da vida, dono da propria vida... Voltaria aos 50, no declinio, formando na reserva da vida... Foi por isso que fugiu, com todas as suas saudades...

VERMOREL — Um typo exquisito de homem...

FAUSTA — E com um nome tão simples: Pablito...

O COMMISSARIO (**que surge**) — Então Pablito já morreu! E eu estou perdendo tempo! (**vendo Vermorel**) Desculpe-me a audacia... Infelizmente, antes de mais nada, eu sou da policia...

VERMOREL — Não é interessante?

O COMMISSARIO — Ser da policia? Ás vezes... Mas tambem ás vezes, quando a gente está achando a vida um encanto, não ha nada peor do que ser da policia.

FAUSTA — Ás vezes quando?

O COMMISSARIO — Agora, por exemplo... O meu coração, algo romantico, me diz que a sra. é uma figura rara de mulher. Mas as minhas funcções policiaes querem por força que eu veja na senhora apenas uma complicação policial. É duro, não é?

VERMOREL — Faça como eu, sr. commissario : a vida divide-se em duas partes: uma que nos interessa particularmente e outra que interessa a todo mundo. Quando a parte que me interessa particularmente está sendo prejudicada pela que interessa a todo mundo, eu fico com a parte que me interessa particularmente... Que todo mundo vá plantar batatas ou alfafa, não acha, sr. commissario?

O COMMISSARIO — Si acho!

VERMOREL — Aqui, por exemplo, ha dois casos, com dona Fausta. Um vagamente, possivelmente policial. E outro romantico, estranho, bizarro. Prefiro o romantico. Tenho razão?

O COMMISSARIO (**meio indeciso**) — Tem!

VERMOREL — E então?

O COMMISSARIO — Eu me retiro... Tenho razão?

VERMOREL — Tem!...

O COMMISSARIO (**beijando a mão de Fausta**) — Minha senhora, perdão... Dr. Vermorel... (**e sahe**).

VERMOREL — Mas errou a sua vocação: nasceu para poeta... E si tudo dependesse delle, na policia, mulher nenhuma seria presa, em tempo algum. (**Vendo que se esboça nos labios de Fausta um sorriso interior**). Acho differente o seu sorriso... Você parece que está sorrindo para uma lembrança que teve...

FAUSTA — Justamente... Estou sorrindo para as coisas que me têm acontecido nestes ultimos dias, para aquella aventura,

dos seus **reporters**, o seu espanto diante da minha displicencia, as suas palavras romanticas ao telephone, a sua surpresa ao me encontrar aqui... Afinal, a vida me deu um pouco de novidade...

VERMOREL **(que pretende encabular)** — Graças á minha ingenuidade...

FAUSTA — Ora... Não encabule... **(pega-lhe na mão)** Sabe que eu tenho uma sympathia immensa por você? Seremos inseparaveis, os dois... E faremos confidencias, um ao outro... Ah! eu tenho tanta coisa para contar! Tanta coisa...

VERMOREL **(inteiramente feliz)** — E si eu arranjasse para nosso uso, para uso só de nós dois, um outro nome para você? Fausta é bonito. Mas é um nome que toda gente tem o direito de dizer. Eu queria um nome muito pequenino, muito suave, que só eu tivesse o direito de dizer... Eu queria que você se chamasse...

FAUSTA — Como?

VERMOREL — Nena!

FAUSTA — Por que Nena?

VERMOREL — Porque eu gosto... Nena! Ha tanta poesia nessa palavrinha minuscula! Tanto carinho! Nena fica bem em tudo, no amor. **(E aqui Fausta tem um novo sorriso, que pode muito bem ser de ironia)** Para dizer agora, diante de você: Nena! E para dizer depois, muito mais tarde, quando você partir e eu ficar com saudade de você: Nena... E quando eu tiver, lá longe, que botar na victrola um disco e ouvir o disco cantar: "Nena no seas tan mala..." Você não quer?

FAUSTA — Com uma condição...

VERMOREL — Diga!

FAUSTA — Só si você deixar de se chamar, para mim, Vermorel...

VERMOREL — Acha feio o meu nome?

FAUSTA — Horrivel! Eu preferia que você se chamasse...

VERMOREL — Como?

FAUSTA — Dandy!

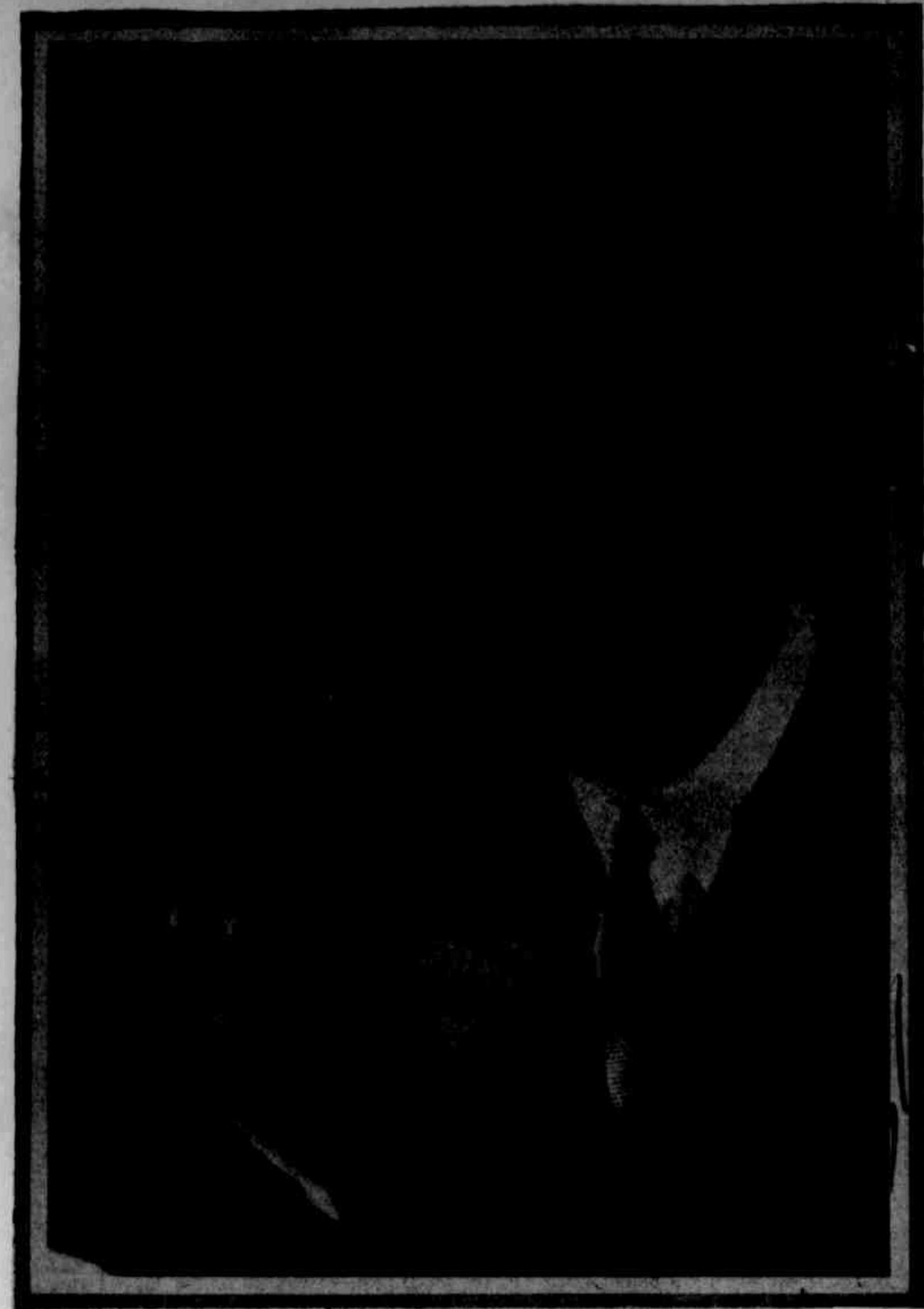
VERMOREL — Dandy?

FAUSTA — Dandy, com pronuncia ingleza.

VERMOREL — Dandy! Dandy é o nome de um perfume, Dandy é o nome de um tango, Dandy é o nome de alguma coisa que todos nós queremos ser um dia para agradar a alguem... Eu quero ser Dandy para ser agradavel a você... **(e ensaia o seu primeiro gesto para beijal-a)**.

FAUSTA — Dandy... Dandy... Você está vendo a lua lá fóra, no ceu? Pois a lua está dizendo: Dandy, tenha medo dos olhos dessa morena...

VERMOREL — O que eu quero é ter medo de você... Porque eu sinto que está em você aquella mulher differente, muito differente, que todos os homens de bom gosto andam procurando, doidamente, de mulher em mulher... **(O telephone toca)**.

FAUSTA **(ao attendel-o faz um signal a Vermorel)** — Discreção, menino... Allô! Fausta... — Oh! Alice! Como está? — Eu? Com saudades enormes de você... — Por que você está triste? **(Vermorel accende um outro cigarro)** — Conta como foi! Conta! **(Vermorel présta atténção)** Você o recebeu de pyjama, com aquelle pyjama côr de carne, e elle se limitou a fazer phrases? Que desaforo! Uma mulher de pyjama deve sentir-se diminuida si nesse momento um homem teima em respeital-a... **(Vermorel pisca o olho, como quem diz: "Estou sciente")** Porque uma mulher bonita, dentro

Gabriel Macedo a revelação de 1931 na Cia. de Comedia Moderna — Abigail - Oduvaldo

de um pyjama, deixa de ser bonita para ser qualquer tentação mais expressiva... **(Vermorel joga fóra o cigarro e vae se approximando de Fausta)** Pobresinho! Mais um que você incluiu no bloco da victoria moral... **(Vermorel, pé ante pé, vae se approximando, e o velario vae se fechando).**

4º QUADRO — (Um **bar**, de madrugada, sem luz branca. Ao fundo ha gabinetes reservados, fechados por cortinas transparentes, atravez das quaes se podem distinguir, num delles, um homem e uma mulher bebendo e comendo. — Uma victrola ortophonica. — Uma **garçonnette** loura, muito interessante, que vive cantando este estribilho de canção: "Eu quero vêr você chorar...". — Um **barman**, por detraz do balcão, para servir **chops**).

UM SENHOR MAGRO, DO NORTE **(que está com papeis na mão e fala com attitudes patrioticas)** — Annita, mais dois duplos! **(continuando uma palestra interrompida)** — Pois é como eu lhe digo! Somos um paiz á beira do abysmo!

UM SENHOR GORDO, DO SUL **(que parece preoccupado com alguma coisa muito seria)** — A quem o sr. o diz!

A MULHER **(que está dentro do gabinete de vez em quando canta este pedacinho de tango: "Te fuiste? Ah! ah! ah! Que vayas bien!")**.

UM SENHOR MAGRO — E já perdemos por completo a idéa sacrosanta da patria! Veja este quadro! Veja como neste **bar** a idéa da patria é um mytho! Ao fundo uma mulher canta em argentino. A victrola é americana. A **garçonnette** é esthoniana. O homem do **chopp** é de Santa Catharina. Onde está neste **bar**, qualquer coisa de brasileiro?

UM SENHOR GORDO — Está aqui: são os nossos corações que pulsam de amor pela bandeira do Brasil!

UM SENHOR MAGRO **(levanta-se, aperta-lhe a mão)** — Obrigado! **(senta-se** — Pois então escute mais este pedacinho! Não tem merito nenhum: diz apenas a verdade...

UM SENHOR GORDO **(com gravidade)** — A verdade!

(Continua no proximo numero).

O homem que não ría

Aquella algazarra toda que se ouvia, no escriptorio do grande industrial não deixava bem claro o desejo daquella multidão de mulheres que se agitava nervosamente. Quando a bonança acalmou aquelles elementos desencadeados, chegou-se emfim a uma conclusão: As mulheres se batiam em favor de seus direitos e affirmavam, espumando de raiva, que eram capazes de exercer todas as funcções masculinas.

Depois, no dia seguinte, á D. Emerenciana foi entregue um perfurador de ar comprimido e confiada a missão de erguer o calçamento das proximidades do estabelecimento do grande industrial;

D. Marcolina, rapariga ainda cheia de energias, foi encarregada da pintura dos postes conductores da força:

á D. Izaltina, com o auxilio da Chiquinha dos Caroços, coube a funcção decisiva de reduzir a frangalhos a rocha de uma pedreira.

As outras foram distinguidas com a tarefa de levar até o quinto-andar de um arranha-céo um cofre da companhia.

No dia seguinte o livro de ponto não accusava a presença de uma só das novas auxiliares, entretanto, ouviu-se no escriptorio do industrial, severo e argentario, a primeira gargalhada.

Carnaval de 1931

Em cima: Senhoritas Dulce Garcez e Magalhães de Almeida.

A' direita: Senhora R. L. Protherol, no baile da Rio Athletic Association.

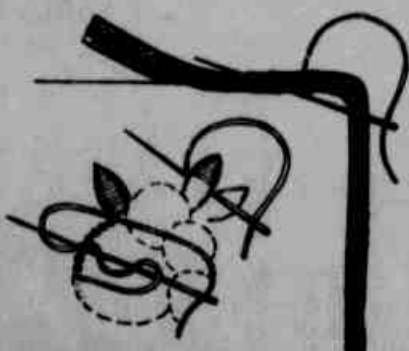
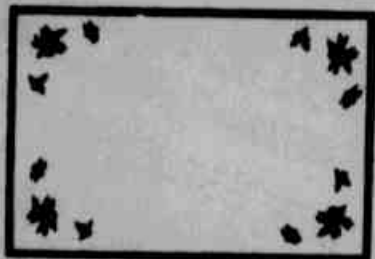
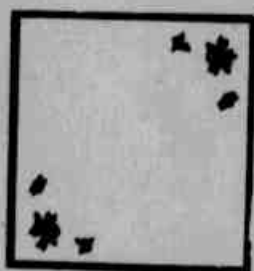
Em baixo: Maria Helena, filha do casal Orlando Forin.

"INSTITUTO LA-FAYETTE" — DEPARTAMENTO FEMININO

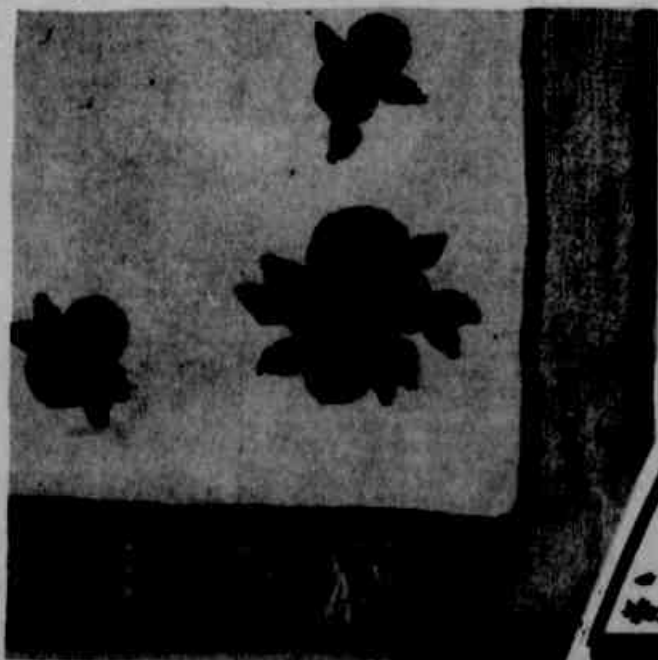
Alumnas que se diplomaram no Curso Geral Superior em 1930, acompanhadas de pessoas de suas familias, vendo-se ao centro o professor La-Fayette Côrtes, director geral do Instituto e a Exma. Sra. D. Alzira Lopes Côrtes, directora do Departamento Feminino, após a missa que mandaram rezar por terem terminado essa tarefa escolar. O Curso Geral Superior prepara professoras para o curso primario e para os cursos secundarios.

CELSO
MONTE-
NEGRO
DIDI
VIANA
DECIO
MURILLO
TAMAR
MOEMA
Cinema do Brasil

DE ELEGANCIA

As proximidades do Outomno marcam accentuado movimento elegante. Muitos dos que se foram para as estações de verão já voltaram. Demoram-se, apenas, os aquaticos de S. Lourenço. Desta vez, Caxambú e Poços de Caldas, onde ha esplendidos hoteis, cederam logar a S. Lourenço. Para ali se transportou o Presidente Vargas. E os hoteis ficaram super-lotados, e, p'ra lá e p'ra cá, nos trns, politicos de agora, ministros da Revolução, e gente que se queria approximar do gaúcho illustre, achando mais facil obter audiencia lá no interior, sob o clarão da lua ou á hora de ir á fonte, do que esperar aqui em obediencia aos varios tramites dictados pelo severissimo protocollo do Cattete.

A sociedade elegante, porém, que aqui já está, agita-se, reune-se, bebe chá á hora "chic", vae ao recem-inaugurado "golf ao ar livre, no Leme. No primeiro dia a concorrencia foi a seguinte: Sras. João Gonçalves Peixoto, Machado Guimarães Filho, Mello Cunha, Ayres Camargo, Caetano Fonseca Costa, Newton Fontenelle, Garcez; senhoritas: Diniz, Lulú e Nina Floresta de Miranda, Sylvia e Gilda Vaccani, Mariath Candido Mendes, Maria Portugal...

+ + + Berta Singerman conseguiu, com o seu theatro de camera e recitaes poeticos attrahir para o tradicional Lyrico um publico fino e numeroso. E Izabel de Maurtua, a formosa ministra do Perú que vae á Europa por alguns mezes em viagem de recreio, disse-me: Berta voltou ao Rio mais bonita, mais espiritual, mais elegante. E' uma creatura maravilhosa, e ninguem lhe contesta rigoroso valor artistico.

Berta Singerman é sempre bem vinda a esta formosa terra de praias encantadoras e encantadoras montanhas. E, por viver sempre festejada, porque os cariocas timbram em agradal-a muito no tempo que por aqui se demora, Berta costuma dizer que o Rio é a terra da festa constante da Natureza, e da constante alegria dos seus habitantes.

Tem razão. Mesmo nesta época de córtes de vencimentos e de crise... financeira, no Lyrico não faltaram espectadores para a interessante artista.

+ + +

Principiei esta pagina por falar em proximidades do Outomno. Começam, felizmente, dias frescos. Portanto, meia estação. Por isso é que as leitoras notam, aqui estampadas, gravuras adequadas ao momento que passa. E são "tailleurs" bonitos, e, especialmente, juvenis. A maior parte delles tem golla, punhos, e, ás vezes, chapéo e cinto guarnecidos de pelle. O astrakan foi a "fourrure" de alta moda no ultimo inverno de Paris, e uma renovação do que se usou em 1900. Ficará excellente como enfeite de "petits tailleurs".

Os tecidos indicados para estes costumes são, geralmente, os "tweeds mouchetés", os "jerseys chinés", "drap", velludo, cheviote, no tom de preto — que é sempre o preferido — ou verde bilhar, azul-cinza, marinho, cinza prata, ou, ainda, algumas das tonalidades que os que vivem sob este sol sempre tão luminoso e este céo quasi eternamente azul preferem, e tanto assentam no moreno das brasileiras como não gritam no quadro esplendido da nossa esplendida natureza: amarello pinto novo, vermelho vinho, vermelho vivo, azul de pervinca, rosa madeira... Agora mesmo não ha receio de terem as elegantes o desprazer de constatar que os vestidos descoram rapidamente. Porque os tecidos coloridos pelo magnifico colorante Indanthren — que os tinge ainda na fabrica — estão na moda e quasi tão populares quanto a popularidade das saias compridas.

Os demais figurinos: um "manteau" de Maggy Rouff, de "drap" "beige" guarnecido de "gaillac" preto; costume de "crêpe" cinza e astrakan do mesmo tom em toda a volta do casaco; "manteau" de seda vegetal preta e bordados brancos; mais alguns "tailleurs" e vestidos simples, *tres penteados de A. Dorét*, e uma toalha de chá bordada a pontos de nó e "plumetis" rosa e vermelho sobre linho azul de louça.

+ + +

Meias Sally na Casa Machado.

SORCIÈRE

Qual será o meu futuro?

Um serviço perfeito de cartomancia, absolutamente gratuito, aos leitores de "Para todos..."

N. 871 — LALAGE (Porto Alegre) — Vejo leviandade em uma egreja. Deveis fugir de uma pessoa que se finge muito vossa amiga, mas que breve vos attraiçoará; é mulher, morena e magra... Com lealdade recebereis breve uma carta com surpresas e alegrias.

N. 872 — IRACEMA ARAGUARY (Ramos) — Recebereis uma carta que causará alguma desordem nesta casa; porém tudo passará e tudo tornará ao que d'antes era. Uma pessoa de vossa amisade ficará gravemente enferma e breve sabereis da ausencia de alguem que vos interessa muito.

N. 873 — CILLOQUINHA (?) — Um homem que vos estima, ao lado de uma mulher de bom coração, procuram fazer a vossa felicidade. Ireis receber algum dinheiro, não agora. Sereis muito feliz na velhice. Vejo breve um matrimonio e bom exito em negocios.

N. 874 — ALMA SOFFREDORA (Miracema) — Pela porta da rua virá um homem que se impressionará muito com a vossa pessoa e futuramente fará vossa felicidade. Recebereis boas noticias brevemente. Uma mulher que vos deseja mal se arrependerá do que tem feito.

N. 875 — MARTE (Piracicaba) — Tereis poucos dinheiros e sereis cortado em quasi tudo que pretendeis. Haverá um banquete e sereis convidado, vos aborrecendo muito, devido a intrigas arranjadas por uma rival; ouvireis más palavras e soffrereis desconsiderações.

N. 876 — ZINGARA (S. Paulo) — Sereis muito feliz no futuro. Tereis uma grande paixão e sereis correspondida. Haverá enredos, intrigas e muitas contrariedades acerca dessa paixão, porém sereis vem succedida e vereis coroado de bom exito o vosso futuro.

N. 877 — DESILLUDIDA DA VIDA (Victoria — E. Santo) — Recebereis breve um presente que muito vos agradará. Um homem que vos estima, vos contará novidades sobre um obstaculo que haverá, demorando um casamento, o que vos dará desgostos e contrariedades.

N. 878 — PERERECA (Capital) — Tereis uma paixão d'alma nesta casa e ficareis doente. Recebereis depois uma carta de reconciliação de pessoa desaffecta. Vejo vicio por desgostos em um homem que quer vossa felicidade e é de pouca fortuna.

N. 879 — RANY (?) — Uma vizinha de má lingua e um rival vos causarão um pequeno desgosto com más palavras. Recebereis tambem uma prenda fora de casa de uma mulher que se diz vossa amiga, porém não o é. Vejo um acontecimento feliz e inesperado. Ides receber dinheiros pequenos em breve.

N. 880 — TAMAR (S. Paulo) — Casareis breve e tereis uma surpresa nesta casa trazida por um rival que vos detesta. Vejo leviandade. Haverá separação, depois de uma carta que recebereis. Recebereis ainda uma prenda, fora de casa, de uma mulher que se diz vossa amiga, porém não o é.

N. 881 — FRANCEZINHA (Rio Grande) — Uma mulher que vos presta serviços, com cinco sentidos, está contra um joven que vos trahirá. Haverá lagrimas e correspondencia interrompida por um homem que vos trahirá e é seductor. Vejo leviandade em uma egreja.

N. 882 — RAINHA DO CAFÉ (Rio) — Breve haverá uma desordem nesta casa e grandes novidades... Ha uma rival que provocará escandalo e vos dirigirá más palavras em um banquete ou num jantar. Ha uma pessoa amiga que violará vossa correspondencia, ou segredos... Vejo ainda uma viagem, porém, não agora.

N. 883 — FRANCISCO AUGUSTO (S. Paulo) — Brevemente haverá uma casamento fora de casa, de alguem que vos é caro. Haverá grandes intrigas, não agora, nesta casa causadas por uma mulher má, intrigante e falsa. Uma ausencia de um homem de negocios.

N. 884 — MARIA DE LOURDES (Petropolis) — A falta de espaço não permitte um estudo minucioso como desejaes. Vossas cartas dizem isto: Desconfiae de um joven que vos trahirá se for attendido. Vejo mais difficuldades que serão vencidas. Ha um rival ou uma rival que vos intrigará em horas de comidas e bebidas. Recebereis breve uma prenda de valor.

N. 885 — AREV-EL-EDIM (?) — A caminhos vagarosos se approxima uma traição de pessoa que se diz amiga e finge ter sympathia.

Haverá uma separação, desgostos e, por fim, receberá uma carta com pequenos dinheiros. Haverá uma desintelligencia entre duas mulheres por vossa causa, em horas de comidas e bebidas.

N. 886 — DESILLUDIDA (Rio) — Haverá breve um desvio provocado por ciumes de uma creatura que a estima e que commetterá uma leviandade. Vejo sympathia de uma mulher intermediaria em uma egreja com alguma fortuna. Em um banquete uma rival, ao lado de um homem, trocará más palavras a vosso respeito.

N. 887 — MARIAZINHA (S. Paulo) — Uma viagem inesperada, uma paixão de amor mal correspondida intrigas, enredos e desconfianças. Vejo ciumes, pequenos dinheiros e ausencia de uma pessoa que vos quer bem com cinco sentidos. Uma doença passageira em alguem da familia.

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para respostas.

PIROLITO (S. Simão — S. Paulo) — Um pouco de energia, força de vontade, reserva e volubilidade. No momento de escrever estava com uma preoccupação qualquer de espirito. Alma generosa e boa, temperamento voluntarioso. Bastante iniciativa propria, alegria de viver, esperança.

CECY GUARANY (Bahia) — Todas as cartas que nos chegam ás mãos são respondidas. Se alguma demora houver é devido ao grande numero de consulentes e o pequeno espaço de que dispomos. Queira, procurar, com cuidado, na collecção.

AURELIA (Rio) — Nada tem que agradecer. Eu é que fico satisfeito, sabendo que o "estudo" feito agradou e foi o mesmo que um "retrato moral" do joven.

Antes assim.

NALY (?) — Não parece estrangeira, como diz. O estudo não pode ser detalhado como deseja por falta de espaço. Vê-se que é bondosa, muito meiga, um pouco reservada e caprichosa. Economica e prudente. E' tambem alegre, cheia de coragem enthusiasmo e justas ambições. Um bello caracter emfim.

Mme S. S. D. (Bahia) — Muito agradecido. Seguiu carta particular, como pediu para o endereço que mandou.

CORAÇÃO MAGUADO (Rio) — Bastante poder de logica e deducção facil. Concatenação de idéas. Intelligencia clara, embora pouco cultivada. Amor aos livros, á poesia, á literatura. Espirito critico e artistico. Franqueza, energia, meticulosidade. Tem uma só palavra e quando promette qualquer cousa ha de cumprir a promessa feita. Caracter firme, resoluto.

GALENO (Jahú) — Muita actividade pressa, energia creadora, expansividade, não deixando para amanhã o que pode fazer hoje, nem para mais tarde o que pode ser feito já. Personalidade bem definida.

Embora não assignasse seu nome de familia, vê-se que fará o mesmo com o pseudonymo adoptado: um traço firme, forte e quasi vertical firmando-o. Temperamento irrequieto, fantasista, original.

SONIA (S. Paulo) — Que indicacação quer que lhe dê?... Notei nervosismo, inquietação, ansiedade na sua letra. Vê-se tambem bondade, doçura e... dissimulação. Naturalmen-

Concurso de Contos do PARA TODOS...

Considerando o enorme numero de cartas que vimos recebendo diariamente com pedidos para que dilatemos ainda mais o prazo para recebimento de originaes referentes ao Concurso de Contos do "Para Todos...", visto terem-se extraviado muitos com a desorganização dos correios em época de revolução, resolvemos prorogar o prazo para o encerramento deste certamen até o dia 20 de Maio proximo futuro.

te dissimula seu estado d'alma presente, mostrando uma calma e despreoccupação apparentes. O que lhe posso indicar é ouvir musica, (não jazz-band!) musica suave, solos de violino, de flauta, de harpa ou violão. Vá a Santos e tome uns banhos de

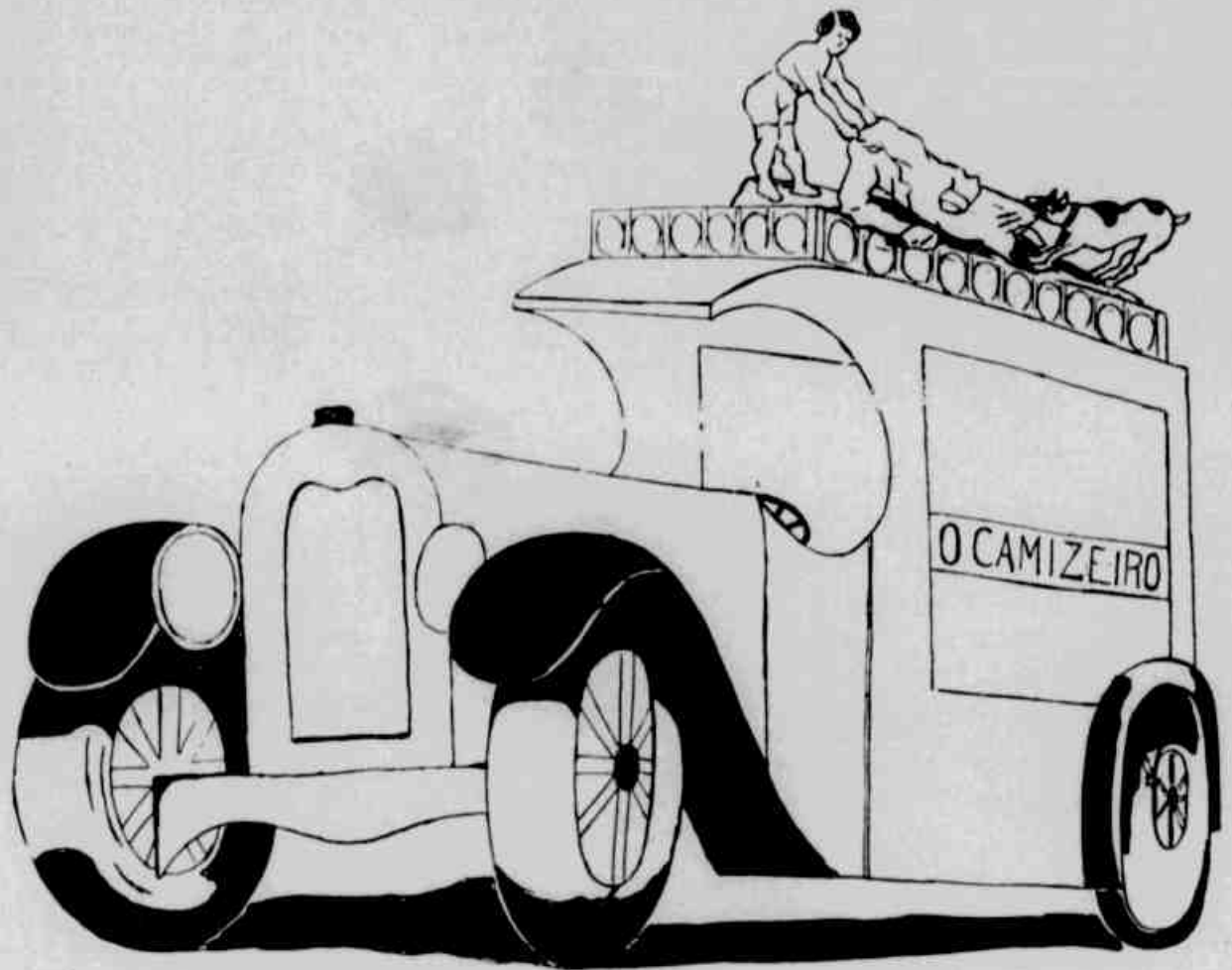
mar na linda praia do José Menino ou na de Guarujá. Depois escreva-me, Sonia, dizendo se a "therapeutica" foi acertada.

TYMBIRA (Rio de Janeiro) — A graphologia não prediz o futuro. Procura apenas conhecer o caracter do individuo pela letra. Para saber o que deseja sobre seu porvir dirija-se ao meu companheiro de redacção Sr. Khom-El-Ahmar que poderá satisfazel-o com sua sciencia. Já vejo, pela sua letra que é supersticioso e credulo. Tome cuidado, porém, com o que elle lhe disser. Pode ser qualquer cousa desagradavel e o senhor se impressionar com o facto. O senhor é tambem muito impressionavel.

JULIA DE ROMEU (Porto Alegre) — Espirito malleavel, accommodaticio, pelo receio de melindrar o proximo. Gentil, delicada, attenciosa e, ás vezes, um pouco distrahida e imprevidente. Falta-lhe o senso da medida. E' tambem um tanto reservada, não dando a conhecer seus pensamentos nem projectos. Apesar, de bondosa, guarda a lembrança das offensas que lhe fazem e vinga-se depois, calmamente. Tem tambem espirito critico, mas não o exteriorisa.

TRISTÃO DE ISOLDA

AS PAGINAS DE ARMAR D'"O TICO-TICO"

O AUTOMOVEL D'"O CAMIZEIRO"

Nas paginas de armar d'**O Tico-Tico** têm figurado todos os vehiculos que o povo está habituado a ver diariamente. Já publicou a ambulancia da Assistencia, os carros do Corpo de Bombeiros, barcas da Cantareira, uma multidão, emfim, de lindos brinquedos que a habilidade de seus leitores constróe para alegria de todos que os vêem. **O Tico-Tico** está publicando um brinquedo de armar dos mais interessantes e de confecção bastante facil, por isso que cada uma das peças vae acompanhada das explicações necessarias á confecção do mesmo brinquedo. E' este o automovel d'"O Camizeiro", o importante estabelecimento de artigos para homem, o emporio commercial onde o carioca vae adquirir tudo que lhe é necessario, desde o lenço ao perfume, desde o chapéo á roupa de mesa e cama. "O Camizeiro", a mais importante casa de camisas que o Rio de Janeiro possue, e que está localizado á rua da Assembléa, 28/32, não tem mãos a medir para servir a sua enorme freguezia, que é toda a população da cidade. Dahi utilizar para entrega das compras que o povo faz no importante estabelecimento um automovel! — o auto amarello d'"O Camizeiro" — como dizem os petizes — em cima do qual, numa allegoria bonita, uma camisa resiste ao ataque dos dentes de um cão.

O automovel d'"O Camizeiro", que anda por toda a cidade, é um dos vehiculos mais populares do Rio e os pequenos leitores de "O Tico-Tico", pelo modelo acima, vão construir um automovel igual, com as peças que essa apreciada revista está publicando.

QUALQUER COUSA

INTEIRAMENTE DIFFERENTE PARA INTERIORES MODERNOS

CRETONNES e MADRAS

A DECORAÇÃO ELEGANTE

A mais alta novidade de desenhos e combinações de côres modernas

VISITE AS NOSSAS GRANDES EXPOSIÇÕES

HORS CONCOURS NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE 1922

65 ~ RUA DA CARIOCA ~ 67 ~ RIO